

PALAVRÕES EM SALA DE AULA: UMA ANÁLISE NA ESCOLA ESTADUAL “4 DE SETEMBRO”, EM PAU DOS FERROS – RN

Alzira Maria Câmara Amado de Oliveira
Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar

RESUMO: O presente trabalho, realizado na Escola Estadual “4 de Setembro”, localizada em Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, versou sobre o uso de palavrões proferidos pelos alunos em sala de aula, durante os intervalos ou outras atividades, bem como fez uma análise dentro da perspectiva da sociolinguística para compreender como se estabelecem os procedimentos pedagógicos frente a esse uso. O procedimento para a análise aconteceu por meio de questionários semiabertos aplicados aos alunos, e por meio de grupo focal com o corpo docente da instituição, preservando-se a identidade dos participantes em ambas as formas de diagnóstico. As teorias norteadoras da pesquisa serviram para se estabelecer um elo entre as hipóteses levantadas e as conclusões a que se chegou. A análise dos questionários permitiu-se perceber que, embora os alunos utilizem os palavrões em seu cotidiano com certa frequência, acreditam que essa prática deve ser combatida e trabalhada pedagogicamente na escola, a fim de que não haja preconceito linguístico ou social. Observou-se, também, que o corpo docente demonstra uma preocupação em se trabalhar o uso desenfreado e aparentemente normal dos palavrões pelos alunos, mas não se tem ainda uma metodologia posta em prática na sua conduta pedagógica. Concluiu-se, dessa forma que um estudo sociolinguístico voltado para as áreas da psicologia e formação do professor conduzem ao caminho da compreensão e da necessidade de se trabalhar o vocabulário dos alunos, a fim de que vícios de linguagem ou palavrões não interfiram nas relações sociais, afetivas e profissionais desses jovens.

Palavras-chave: Palavrões, Preconceito linguístico, Sociolinguística, Conduta Pedagógica.

INTRODUÇÃO

O uso de palavrões no cotidiano das pessoas nunca foi tão frequente como é hoje. Talvez pela grande incidência de palavras obscenas em músicas, na televisão, em roteiros de filmes, de novelas, na internet, entre outros, esse uso tenha se instaurado mais efetivamente na vida das pessoas, sobretudo, dos jovens em idade escolar. Isso faz crer na necessidade de um estudo sociolinguístico dessa ocorrência pelos alunos em sala de aula, ambiente que exerce uma forte influência na (trans)formação linguística do indivíduo, uma vez que é lá onde ele aprimora e sistematiza o processo linguístico advindo de sua natureza genética ou dialética.

Segundo Tartamella (2006), o palavrão é simplesmente um registro que marca

liberdade, além de ser um meio eficaz de despertar a atenção do receptor. E analisando esse uso por parte dos adolescentes, parece que se torna uma constante, porque a adolescência é uma fase de transições, de mudanças e de acordo com Tommasi(1998, pág. 33), eles estão na busca incessante de novas maneiras de ser, de se comportar e de se mostrar ao mundo, e esse caminho é cheio de desvios e de desafios.

Talvez, o uso de certos palavrões no contexto escolar ocorra por necessidade de expressar raiva, angústia, medo, alegria ou mesmo, com o intuito de agredir um colega ou se inserir em um grupo, tanto durante a aula como nos intervalos. Outra possibilidade a ser analisada é extensão desse tipo de vocabulário da casa até a escola, uma vez que segundo Saussure(2006) a língua é um fato social e se concretiza na convivência com os indivíduos, sobretudo na família. É provável, pois, que uma criança ou adolescente reproduza os vícios e costumes linguísticos advindos de casa, no convívio familiar, e esses costumes ou vícios podem estar camuflados no uso de palavrões, por meio de palavras cujo teor semântico se reveste de obscenidade ou injúrias.

Destarte, as questões que impulsionaram e nortearam este estudo foram: O setor pedagógico da escola trabalha a questão do uso de palavrões e da agressão vocabular entre alunos? Há intervenções pedagógicas por parte do professor em sala diante do uso de palavrões?

Nesse deslinde, postulou-se a tese de que o uso de palavrões por adolescentes é uma constante, mas que pode ser trabalhado de forma pedagógica, uma vez que a presença de palavrões em sala de aula, ou no entorno escolar, sobretudo em séries cujo público é adolescente, pode ser uma importante ferramenta para se discutir os fatores sociolinguísticos que estão presentes na realidade dos alunos, afetando seus valores, vivências e relações pessoais e sociais. Não se pode negar essa marca linguística e deixá-la passar despercebida, visto que, diante de tantas mídias, é cabível ao professor trabalhar uma pedagogia que verse sobre o palavrão, inserindo estratégias que levem o aluno à reflexão.

Justifica-se, pois, a escolha deste tema, considerado pertinente para a prática docente. Entretanto, não se limitou à ocorrência e descrição dos palavrões, na escola, mas ao porquê de seu uso no contexto escolar, no âmbito em que, em princípio, pensa-se ser usada mais frequentemente a língua considerada padrão aliada a fatores como polidez e respeito para com

o outro. A escola, como se sabe, é considerada o berço da formação do universo capaz de propiciar o desenvolvimento do aluno, bem como é o meio de construção da aprendizagem significativa e interacionista do indivíduo. Ela corresponde a um espaço dinâmico e plural e seus membros se engajam na produção de conhecimentos, na mistura de comportamentos e, claro, na aquisição e socialização de vocábulos, e os palavrões estão em meio a esse turbilhão de trocas e experiências linguísticas.

Com base nesse pressuposto, um esboço acerca do uso do palavrão associado aos princípios educativos de um adolescente ou jovem precisa ser feito de modo a se analisar a relação possível entre educação pessoal, conduta moral e uso de palavrões, sobretudo no contexto escolar. No entanto, o uso do palavrão na escola parece ser algo ainda a caminho de debates, de análises, uma vez que é classificado como um dos mais diversos tipos de violência apresentados e encontrados no contexto escolar. Ou seja, não se encontra pesquisa que aborde tal ocorrência de forma isolada e, para a maioria dos educadores e/ou pesquisadores que mencionam esse termo, analisam-no na perspectiva da violência verbal, e não como uma porta de entrada para uma discussão mais profunda dentro de aspectos sociolinguísticos. Ou seja, o que muitas pessoas pensam ser a linguagem envolta de palavrões uma ferramenta neutra de comunicação, é na verdade, condicionante de muitas formas de pensar e agir.

Para Arango(1991, pág. 14), “ ‘palavrão’ ou palavra obscena é portanto aquela que viola as regras da cena social; a que sai do texto consagrado e diz e mostra o que não deve ser visto nem ouvido.” É, pois, pertinente, analisar até que ponto o aluno pensa ser certo ou errado o uso desse tipo de vocabulário, socialmente discriminado e desprestigiado, que foge às regras do bom preceito e da boa moral.

Viver em sociedade, pois, exige do ser humano discernimento, tolerância, conhecimento, responsabilidade, entre outros quesitos, e um deles é a necessidade da boa comunicação para que haja interação. E ela deve acontecer de modo harmônico, coeso, dentro dos limites de cada ser, é claro, mas voltado para polidez da linguagem, com vistas a evitar vícios, gírias e palavrões, pelo menos em excesso. Não se pode, nem se deve separar a língua adquirida pelo indivíduo das suas raízes culturais, históricas. Consoante já se sabe, na visão de Saussure, a linguagem é um fato social, e não se pode desprender dela as particularidades linguísticas dos sujeitos. Assim, segundo Antoine Meillet, aluno de Saussure e citado por

Alkmim *in* Sociolinguística,

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que a falam e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é a constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. Pois, se a realidade de uma língua não é algo substancial, isto significa que não seja real. Esta realidade é, ao mesmo tempo, linguística e real. (2007, pág. 24)

Assim, percebe-se que não se concebe um estudo das línguas(aqui se pode entender como também os falares, os dialetos) sem o estudo da história, da sociedade. Do mesmo modo que é necessário entender sim a cultura do aluno, mas não deixar que sua linguagem(seja ela culta ou informal) represente apenas a sua cultura e não seja trabalhada de modo a torná-la adequada aos ambientes e contextos em que esse aluno estiver inserido.

METODOLOGIA

O presente trabalho é um recorte de uma tese de dissertação de mestrado que desenvolveu uma pesquisa sobre o uso de palavrões por adolescentes no convívio escolar no interior do estado do Rio Grande do Norte, na Escola Estadual “4 de Setembro”. A pesquisa no total contou com a colaboração de alguns segmentos da escola, entre eles professores, coordenador pedagógico, pais, alunos, a gestora e uma psicóloga, que não é do quadro de funcionários da instituição, mas tem um trabalho social e clínico voltado aos jovens da cidade, em programas sociais do município. O presente artigo, no entanto, limitar-se-á à análise da conduta pedagógica do professor e das respostas dos alunos, numa amostra de 42 discentes e 11 docentes, deixando para um trabalho futuro as análises dos outros partícipes da tese geral. Entre as possibilidades existentes de pesquisa, esta se limitou ao caráter quali-quantitativo, que tem como finalidade trazer à mostra o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado, tornando possível fazer, assim, uma análise mais aprofundada do objeto de estudo.

Para a coleta de opiniões e de informações, escolheu-se a forma de questionários semiestruturados para alunos, com questões abertas e fechadas. Com o corpo docente foi feita a entrevista em grupo, denominada grupo focal, que consiste em uma “roda de conversa”,

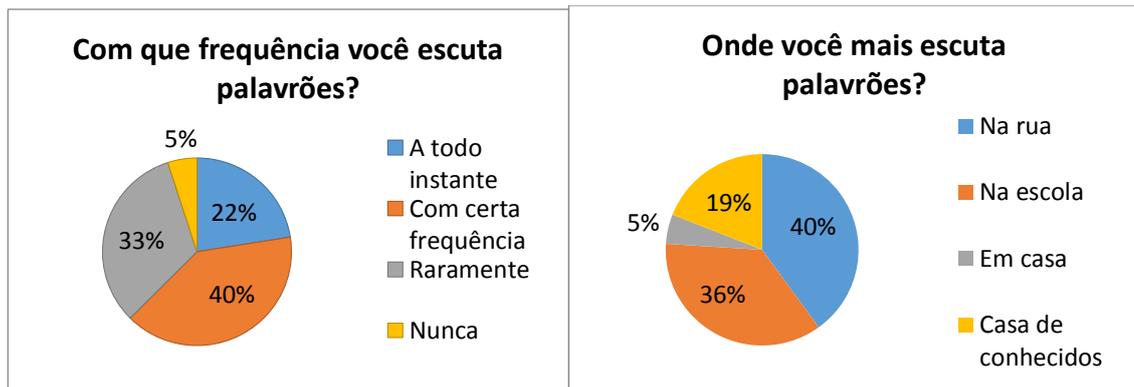
mais descontraída, mais dinâmica e mais espontânea com o propósito de se ouvir e se analisar as respostas dos professores, sem que estes fiquem inibidos ou presos a respostas prontas e convencionais para esse tipo de trabalho.

Após a coleta dos dados, uma análise quali-quantitativa foi realizada, à medida que os objetivos e as hipóteses levantadas iam sendo encontradas ou não nas respostas. As opiniões esboçadas pelos participantes foram tabuladas em gráficos a fim de uma melhor visibilidade das informações coletadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre todos os envolvidos nesta pesquisa, este trabalho ater-se-á à análise do aluno e do professor, elementos de suma importância no contexto escolar. Seguindo-se pela vertente do aluno, procurou-se saber alguns aspectos pertinentes a sua conduta enquanto pronunciante ou não de palavrões. Como eles se deparam com esse uso na escola, na família e como reagem. Inicialmente, questionou-se aos alunos se sabiam o que é um palavrão. Quanto à pergunta “O que é palavrão?”, 38 entrevistados (90%) disseram saber o que é e ainda conceituaram, conforme solicitado no questionário. Muitos alunos disseram o que significa, demonstrando um ar de preconceito e de críticas, dos quais 68% afirmaram ser algo feio e vulgar, desrespeitoso e vingativo.

Optou-se também, como propósito analítico, saber com que frequência e onde os alunos mais escutam palavrões. Os dados corroboram para o que fora problematizado, o fato de se ouvir frequentemente muitos palavrões. Constatou-se que 59,52% dos alunos têm um contato mais efetivo com esse tipo de vocabulário, uma vez que entre escutar a todo instante e com certa frequência, não se pode isolar, pois são pontos associados, comprovando-se que o aluno escuta palavrões. Com relação ao local em que se escuta, constatou-se que 40% escutam na rua, e 36% escutam na escola, o que se pode considerar um primeiro passo para o estudo sociolinguístico dessa prática na escola *locus* dessa pesquisa. Apenas 5% afirmaram ouvir em casa e, por fim, 19% afirmaram ouvir em casa de conhecidos. Os gráficos abaixo ilustram melhor esses dados coletados inicialmente:



Ao se questionar, ainda, a respeito de como seria a reação dos alunos ao serem atingidos diretamente por um palavrão, constatou-se que 08 responderiam ao insulto, mas não utilizando palavrões e que outros 08 alunos apenas direcionariam a conduta ao professor. Percebe-se, então, que um pequeno número, 19%, nas duas situações, provavelmente evitaria uma discussão, uma forma de violência mais expressiva, o que se pode dizer que é uma conduta correta, evitando-se, assim, uma agressão física. Percebe-se a opinião dos alunos sobre o preconceito que um adolescente, detentor de um vocábulo chulo através dos palavrões, sofre ou pode sofrer na escola. Os dados atestam que 79% dos alunos concordam com a ideia de que mesmo sendo o palavrão hoje tão recorrente em nossa sociedade, via internet, rádio, TV, entre outros meios, ainda se concebe como motivo de preconceito.

Assim, pôde-se perceber pelas entrevistas feitas aos alunos, que sua concepção acerca desse uso ainda é o estigmatizado pela maioria das pessoas que convivem em sociedade, é o que o grupo de pesquisadores franceses¹ classificou na primeira categoria, uso “pessoal”, quando se tem a intenção real de insultar, de ferir o outro, como disse a AF7² “Palavrão é uma palavra que não deve ser usada, pois muitas vezes é usada pra fazer xingamento com alguém ou até mesmo com objetos.”

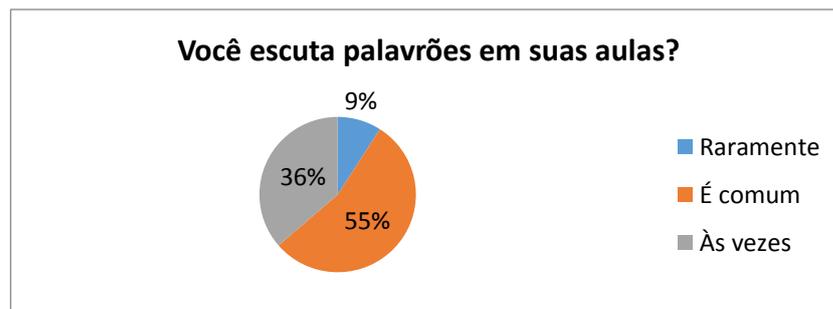
Um dos objetivos da pesquisa reside em avaliar a postura pedagógica do professor diante do uso dos palavrões em sala, buscando para isso, respostas nas entrevistas feitas aos professores diante de situações que perpassem por tal conduta do aluno. Dessa forma, percebeu-se que a maioria se pauta na conversa, caso seja uma atitude vista como natural,

¹ Grupo internacional investiga insultos sob a ótica da linguística, etnologia e pragmática. Artigo publicado no endereço <http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/linguistica-e-literatura/a-ciencia-do-palavrão>

² Terminologia usada na pesquisa para identificar os participantes: Aluno Feminino 7.

aquela em que o aluno apenas falou para chamar a atenção ou para desregrar o andamento da aula.

Com relação à escuta, por parte dos professores, nos corredores escolares ou na sala de aula, constatou-se que 55% dizem ser comum e outros 9% disseram ser raro. O que se leva a crer de fato, na possibilidade de um trabalho efetivo de combate ou mesmo de análise dos palavrões em sala. Pela exposição do grupo, percebe-se claramente que é quase comum a todos que o uso de palavrões é mais constante nos alunos que se encontram na faixa etária dos 10 aos 12. Assim, pode-se perceber que é viável que se trabalhe mais com o aluno cuja idade ainda é pequena, para que, na fase mais madura de sua vida, ele não tenha mais “problemas” referentes a esse uso. Discutiram-se ainda as várias formas com que cada docente lidou ou lidaria em uma situação de uso de palavrões advindos dos alunos e se percebeu, de fato, que uma colaboradora age com preconceito, sempre que isso acontece. Outra se utiliza da conversa, camuflada de preconceito ou ironia. Quando ele está na esfera da brincadeira, ela não liga, não dá atenção. Esboça-se a seguir a posição dos docentes quanto à escuta em suas aulas.



O profissional E³ apontou para o fator relacionamento, também questionado aos alunos em seu questionário específico. Ele sublinha a necessidade de se trabalhar esse fato corriqueiro de modo que se possam construir melhores formas de relacionamento, de respeito entre as pessoas que se educam nas escolas. Nas palavras de E, vê-se essa preocupação “*falando de relacionamento entre as pessoas, talvez gerado por muitos problemas, né? E como combater isso? Precisa de uma educação no dia-a-dia, né?*”

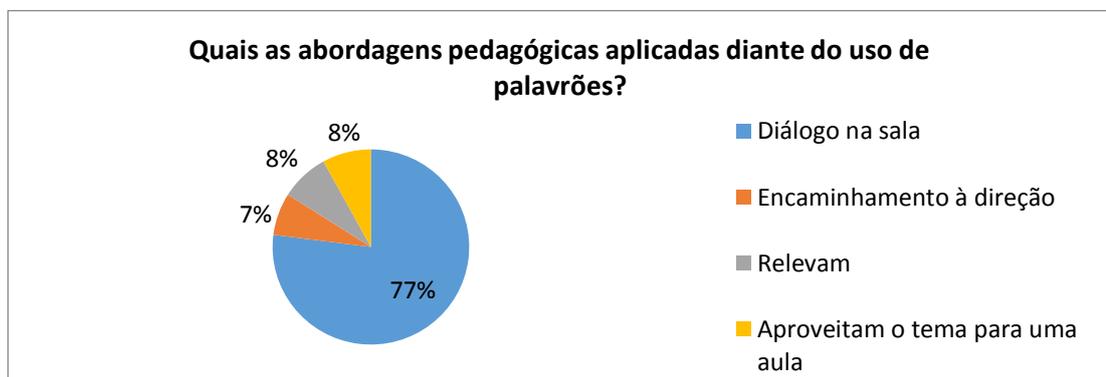
³ Nomenclatura para identificar os docentes entrevistados.

Adentrando-se nessa seara de comportamento em sala, de conduta do professor, Zagury(2006, pág. 25) alerta para o fato das mudanças ocorridas no meio escolar no que concerne ao ensino e à aprendizagem

Ser professor nunca foi uma tarefa simples. Hoje, porém, novos elementos tornaram o trabalho docente ainda mais difícil. A disciplina parece ter-se tornado particularmente problemática. Quando as escolas regiam pelo Modelo Tradicional, o manejo da classe era, sem dúvida, mais fácil.

Não se quer aqui defender a volta do ensino tradicional, mas se quer colocar diante dessa questão em que se instaura muitas vezes um dilema de controle de sala, de conduta de aluno, de moral imposta, que muitos professores - mergulhados em propostas mais sutis de processos de educação e comportamento dos alunos - temem enfrentar situações que sejam desafiadoras, e transferem para outro a responsabilidade que naquele contexto lhe é cabível: educar, impor(sem necessariamente ser autoritário). Outros, porém, lidam com situações como a do uso de palavrões, que pode ser uma forma de indisciplina, através da chamada pedagogia do afeto, buscando um enlace entre a afetividade e o processo de ensino e aprendizagem dos discentes. Entretanto, quando o tema é palavrão, remete-se à ideia de que ali se planta uma situação que requer mais que a disciplina convencional em sala, requer-se uma análise extrassala, um levantamento dos porquês desse uso, não apenas no âmbito escola.

O gráfico abaixo resume as intervenções pedagógicas aplicadas quando há uma incidência de uso de palavrões em sala, ou mesmo nos corredores escolares.



CONCLUSÕES

Não se pode negar que linguagem e sociedade estão interligadas, isso é a representação

da constituição do ser humano, uma vez que para conviver em sociedade, o homem precisa da linguagem, seja ela verbal ou não, culta ou coloquial, de prestígio ou que sofre preconceitos, como é o caso das gírias e palavrões. Saussure (2006) afirma que “a língua é um fato social, no sentido que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.” Para Saussure, língua e fala andam juntas, uma existe na outra, pois, “A língua é um instrumento de dominação, que só existe na mente dos falantes. Ela não é utilizada em termos concretos, é uma abstração da realidade que só se concretiza através da fala.” (Saussure, 2006).

Não se concebe uma educação formativa de jovens e adolescentes sozinha. O professor precisa se ater a técnicas inovadoras, a escola em sua totalidade precisa contribuir, o ensino não pode se prender a tópicos conteudísticos, uma forma de polir o vocabulário dos alunos não deve se restringir aos professores de língua portuguesa. Enfim, é necessário, como diz um dos professores entrevistados para a pesquisa, “que todos que fazem a educação caminhem juntos na construção do aluno”, uma vez que, ainda segundo ele, “a família tem deixado de lado essa função.”.

O uso de vocábulos pejorativos, obscenos é uma preocupação visível na perspectiva dos docentes entrevistados, porém, eles consideram que esse uso é tão comum que parece ser difícil estabelecer metas para se combatê-lo ou eliminá-lo nos corredores e salas escolares. Os profissionais apontaram que na maioria das vezes, o aluno traz de casa o costume, pois algumas famílias têm em seu vocabulário palavras de baixo calão e isso reflete, significativamente, na postura do aluno em sala ou nas outras dependências da escola.

O trabalho com o uso de palavrões deve se pautar na linha do respeito, na análise linguística, pois de acordo com as respostas dos alunos, muitos trazem esse costume de casa, é frequente o uso por eles, e isso deve ser visto sem tamanho preconceito, buscando-se soluções e atividades pautadas em conversas com a turma sobre esse uso inadequado para determinadas situações sociais, principalmente na escola. Ainda sobre esse aspecto, pode-se citar a fala de outra professora, quando atribui para o corpo docente a culpa ou mesmo o comportamento preconceituoso diante de uma situação que requeira mais maturidade por parte do educador.

O ensino nas escolas não pode se pautar no preconceito, sobretudo se esse preconceito partir do professor, ele é o fio condutor que deve ensinar aquilo que é necessário ao aluno ou

que se prega como sendo a ferramenta para a formação desse jovem, ainda em construção. Quando esse ensino se volta para a questão da aquisição do bom vocabulário, da linguagem adequada em determinados ambientes, têm-se que levar em conta as mudanças por que passa a língua mãe. A cada dia, novos termos e expressões nascem e são cristalizadas na mente dos jovens. É mais fácil para eles, aprender o que a mídia coloca, do que o que se encontra nos livros, em especial, os de língua portuguesa, considerada por muitos estudantes a mais difícil de compreender devido à existência de muitas regras e exceções.

No entanto, é nítida a percepção de que quando acontecem casos de uso de palavrões em sala, há sim um desgaste do rendimento daquela aula, os ânimos ficam alterados, não no sentido de agitar, mas no sentido de mudar, de levar a situação para uma vertente a qual não condizia com a rotina de uma sala de aula.

Com base no que fora proposto investigar e o que se constatou, pode-se dizer que a escola *locus* desta pesquisa apresenta preocupações pertinentes quanto ao uso do palavrão. Os professores que participaram da amostragem declararam ser esse uso um problema de cunho social, familiar e linguístico, que pode levar o aluno ao desprestígio social, uma vez que o indivíduo que usa bastantes palavrões em seus discursos fica mal visto, perde a credibilidade, sofre preconceitos. A tarefa de educar é a de nortear, orientar, desafiar e contribuir para a construção do conhecimento e da formação pessoal do aluno. Portanto, o presente trabalho, pautado em teorias que caminharam juntas a um mesmo propósito e nas exposições obtidas por meio dos partícipes, levou à conclusão de que o processo de ensino e aprendizagem é permeado por várias circunstâncias que envolvem o aluno e o contexto social em que ele vive. Tais circunstâncias perpassam por várias formas de viver e conviver desse jovem, uma delas é o uso de palavrões em sala, nos corredores escolares e em outros ambientes da sociedade, que pode levar esse adolescente ao caos das relações humanas, visto como um ser sem valor, sem moral, sem prestígio.

O ensino, no entanto, não pode seguir pelos caminhos do preconceito linguístico nem social, uma vez que o uso é uma marca da fala, do vocabulário do aluno, já estigmatizado socialmente devido as suas condições sociais e financeiras. A escola deve trabalhar pautada no ensino que prime pela inserção de valores pessoais, pela polidez das palavras, pela gentileza ao usar certos termos, pela conduta do aluno, pelo respeito, tudo voltado às práticas

de inclusão e não de exclusão, sem se esquecer, porém, de seu principal objetivo: formar um ser com princípios éticos, morais e consciente de seus direitos e deveres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIM, Tânia Maria. In: **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. Cap. 1. V.1. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALVARENGA, Estelbina Miranda de. *Metodologia da investigação quantitativa e qualitativa: normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos*. 2ª ed. Assunção-PY. Ed. Gráfica A4 Diseños. 2012.
- AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996. Associados, 2008. 112p (Coleção Educação)
- ARANGO, Ariel C. **Os palavrões**. 1ª ed. São Paulo, ed. Brasiliense, 1991.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Loyola, 1999.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa**. Brasília, 1997.
- FREITAS, Alessandra Cardozo de. RODRIGUES. Lílian de Oliveira. SAMPAIO, Maria Lúcia. (orgs). **Linguagem, discurso e cultura: múltiplos objetos e abordagens**. Pau dos Ferros: Queima-Bucha, 2008.
- GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, psicanálise e educação: o mestre “possível” de adolescentes**. São Paulo: Avercamp, 2003.
- KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004
- MEIRA, Luís B. **Sexos: aquilo que os pais não falaram para os filhos**. João Pessoa: Autor Assossiado, 2002
- MERCER. José Luiz da Veiga. FOLTRAN. Maria José. **Variação Linguística e ensino de Língua Portuguesa**. Letras. Curitiba. N 41-42, p. 195-205, 1992-93. Editora da UFPR.
- MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna Cristina.(orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. V.1. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni

Ramos. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PINKER, Steven. **Do que é feito o pensamento.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PRETI, Dino. **A Gíria e Outros Temas.** São Paulo. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

SAUSSURE, Ferdnande de. **Curso de linguística geral**, 27ª ed., São Paulo, Cultrix, 2006.

TARTAMELLA, Vito. *Parolacce.* Perché le diciamo, che cosa significano, quali effettihanno. Milano: BUR, 2006.

TIBA, Içami. **Abaixo a irritação: como desarmar a bomba-relógio no relacionamento familiar?** São Paulo: Editora Gente, 1995.

TOMMASI, M.C.F. **Desenvolvimento Emocional e Cognitivo do Adolescente.** In.: **Assumpção JR, Francisco B. KUCZYNSKY, Evelyn.** Adolescência – normal e patológica. São Paulo: Lemos Editorial, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 2006.